

INFÂNCIAS EM PERIFERIAS URBANAS: COMO AS CRIANÇAS REPRESENTAM O ESPAÇO VIVIDO

LUZIA GAVINA CRUZ BARRETO (UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES).

Resumo

O presente trabalho tenciona apresentar alguns movimentos de uma pesquisa em fase de realização na Escola Municipal de Educação Infantil Arca de Noé, no município de São Gonçalo, na região metropolitana do leste do estado do Rio de Janeiro. Na pesquisa venho procurando realizar um trabalho investigativo que articula pesquisa e formação enquanto possibilidade político-epistemológica no processo de formação inicial e continuada de professoras que atuam junto à infância. Os meus interesses investigativos tomam como foco a percepção das crianças em relação ao local em que moram, a cidade e, principalmente, ao espaço da escola. Como procedimento teórico-metodológico, venho trabalhando o conceito de Alfabetização patrimonial (TAVARES, 2003) com as crianças da escola, a partir de suas falas, projeções textuais e, principalmente, os seus desenhos. Refletir como tem se dado a construção do conceito de espaço pela criança, quais os fatores e implicações dessa construção no currículo da educação infantil, além de investigar como a professora pode favorecer uma alfabetização patrimonial, são indagações necessárias para a compreensão de tal processo. A criança, a todo o momento, expressa seus sentimentos e pensamentos sobre aquilo que a cerca, seja através de brincadeiras, desenhos ou suas próprias falas. Portanto é necessário estar atento à fala dos pequenos a fim de ouvi-los e compreendê-los, levando em consideração o contexto no qual estão inseridos. Deste modo, o trabalho a ser apresentado destaca-se pelo desafio em compreender a maneira como a criança pensa e reflete sobre o mundo em que vive, como representa o seu espaço cotidiano, tais como a sua escola, casa, rua e como ressignifica aspectos de sua leitura de mundo, numa perspectiva freireana.

Palavras-chave:

Currículo da infância, Alfabetização patrimonial, Linguagens da infância.

•• Introdução

"(...) Criança é o gerúndio do verbo criar. Criança é aquele que deve ser criado.

Portanto, a palavra criança quer dizer que se espera, se deseja e se faz tudo para que ela se crie nos dois sentidos da palavra: torne-se um adulto e seja criadora de sua própria vida.(...)"

CHAUÍ. M, 1990.

O presente trabalho tenciona apresentar alguns resultados preliminares de uma pesquisa em fase de realização em São Gonçalo, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), um dos municípios mais populosos do estado do Rio de Janeiro, contando com 889.828 habitantes. Realizo tal pesquisa como bolsista de iniciação científica da UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) no Projeto "Por que o local? Um estudo sobre alfabetização patrimonial e a formação de professores da infância em São Gonçalo", coordenado pela professora

doutora Maria Tereza Goudard Tavares. Tal projeto tem como objetivo investigar as possibilidades político-epistemológicas da cidade de São Gonçalo nos processos de formação inicial e continuada dos professores de educação infantil.

Em minha pesquisa venho procurando, a partir de um olhar atento e de uma escuta sensível, descobrir a visão de mundo das crianças, o que pensam sobre o lugar onde vivem, a cidade e, principalmente, a escola. Tais questões tem sido desvendadas a partir de conversas com as crianças da escola vinculada ao projeto de pesquisa. Tratam-se de crianças com uma faixa etária por volta dos 5 anos de idade, alunas do 3º período da Educação Infantil.

Além disso, a pesquisa tenciona articular ensino/pesquisa/extensão buscando compreender práticas educativas que projetem a escola de educação infantil como um lócus de discussão da cidade gonçalense, compreendendo o espaço escolar como um espaço de ampliação do direito à cidade e a alfabetização patrimonial (TAVARES, 2008).

Dessa forma, defendo Paulo Freire (1990) que compreende que a leitura de mundo precede e acompanha a leitura da palavra, logo aprender a ler e a escrever é, antes de tudo, aprender a ler o mundo. Tal leitura de mundo é feita pela criança a todo o momento, antes mesmo de ser alfabetizada, ou conhecer os signos de nossa cultura. A criança lê o espaço em que está inserida desde o seu nascimento. Ela aprende a reconhecer a voz da mãe, cria formas para chamar a atenção das pessoas, internaliza conceitos, questiona fatos e constrói conhecimentos. Nesse sentido, ler o mundo é também ler o espaço, entendendo-o como construção sócio-histórica, fruto da ação humana.

Por se tratar de uma pesquisa com crianças, caracterizada pelo seu cunho qualitativo e a etnografia com crianças, tornou-se necessária a reflexão sobre algumas questões éticas no trabalho com crianças. A partir de estudos sobre aspectos da pesquisa etnográfica com esses sujeitos, tornou-se possível compreender algumas questões éticas de fundamental importância em uma pesquisa com crianças de diferentes idades e contextos sociais, através de conversas com as mesmas.

• **Infância e Ética: tornando as crianças parceiras pesquisa**

Em qualquer pesquisa, especialmente em uma pesquisa com crianças de cunho etnográfico, há a necessidade de discutir algumas questões de caráter ético que devem e precisam ser levadas em consideração. Afinal, o projeto de pesquisa possui, como referencial teórico, a compreensão da infância como grupo geracional, a criança como sujeito sócio histórico, cidadã, construtora e reconstrutora de sua cultura. Logo, a partir desta concepção, é possível refletir sobre alguns fatores importantes na pesquisa com os pequenos, dentre eles: o nome das crianças (verdadeiros ou fictícios) e a imagem das mesmas (seus rostos), afinal tais fatores constituem nossa identidade como sujeito sócio-histórico.

Por isso, dialogando com Kramer (2002), encontramos algumas alternativas para a utilização dos nomes e das imagens das crianças em uma pesquisa. Exclui-se a hipótese em utilizar números ou letras para identificar as crianças, pois creio que dessa forma estaria anulando a participação das mesmas

na pesquisa, permitindo, por isso sugerir as crianças que escolham seus nomes, assim ao olharem a pesquisa se reconhecerão e se enxergarão como participantes de tal processo. Dessa forma, as crianças não seriam ausentes da pesquisa, mas assumiriam sua posição de sujeito da pesquisa, (co) autoras daquilo que foi construído coletivamente.

Por sermos sujeitos da cultura, nomes, rostos e ações fazem parte de nossa identidade e nossa subjetividade. Dessa forma, a autorização de imagens por parte do sujeito da pesquisa está fortemente relacionada com dimensão ética deste assunto. Observando a pesquisa com crianças, é possível notar que quem autoriza a utilização das fotografias é o adulto a fim de proteger as crianças, evitando, que suas imagens sejam exploradas. Porém, quem são os sujeitos da pesquisa? Como proteger e, ao mesmo tempo, garantir autorização? Por isso venho buscado trabalhar de forma ética em minha intervenção na escola, buscando compreender a criança como sujeito sócio-histórico, ouvindo-a e levando em consideração a sua posição enquanto sujeito da pesquisa.

• **Infância: uma construção recente**

Este trabalho objetiva compreender como a criança pensa e reflete sobre o mundo em que vive, como representa o universo e ressignifica aspectos da sociedade. Afinal, a criança, segundo Benjamin (BOLLE, 1984, p.11).

"Não é uma miniatura do cosmos adultos, bem ao contrário, um ser humano de pouca idade que constrói seu próprio universo, capaz de incluir lances de pureza e ingenuidade, sem eliminar, todavia a agressividade, resistência, perversividade, humor, vontade de domínio e de mando".

Tal concepção de infância não é um fenômeno natural, mas é fruto de uma longa construção sócio-histórica das sociedades moderna e contemporânea. Até por volta do século XVI a infância ainda era vista como um grupo de "adultos em miniatura" que não possuía grande importância na sociedade da época. Na idade média a infância terminava aos sete anos de idade, pois era nesta idade que a criança passava a ler e escrever, dominando a palavra ela, teoricamente, passaria a compreender o mundo adulto.

Nos séculos XVII e XVIII, grandes pensadores têm a sua atenção voltada para a infância, dentre eles destaque John Locke (1632-1704) e Jean Jacques Rousseau (1712-1778). O primeiro apresenta uma teoria que marca, durante muito tempo, as concepções e práticas relacionadas as crianças. Tal teoria é conhecida como "A teoria da Tabula Rasa", que compreende o ser humano recém nascido como um tipo de superfície maleável, onde os adultos poderiam "escrever" aquilo que achassem necessário ao seu desenvolvimento (PINTO, Manuel, 1997). Jean Jacques Rosseau é inicialmente influenciado por John Locke, porém constrói o seu próprio pensamento. Pensamento este que compreende a criança como um ser que nasce bom, merecedor de proteção. Para o filósofo a primeira educação da criança deveria basear-se apenas na preservação e não em ensinar virtudes humanas, mas proteger o coração desse pequeno contra de vícios e males, sendo o adulto uma figura fundamental na formação criança como uma boa pessoa ou não.

A construção do referencial teórico que entende a criança como sujeito sócio-histórico toma força a partir do trabalho de Ariès (1978), quando inicia sua pesquisa sobre a infância, levando em conta aspectos sociais, culturais e políticos. Com Áries tornou-se evidente a natureza histórica e social da criança (KRAMER, 2002). Porém, além dos estudos de Áries, alguns estudiosos tiveram sua atenção voltada para a infância, formando uma série de discursos sobre a mesma. Dentre eles é possível destacar o historiador da infância Lloyd Mauser. Apesar de sua visão ser semelhante em alguns aspectos com a de Áries, Mauser era orientado por uma outra perspectiva. Para o historiador, a infância fazia referência a um "pesadelo" que, recentemente, começamos a descobrir, mas que quanto mais pesquisarmos na história, mais nos confrontaremos com morte, abandono e abuso sexual sobre as crianças.

No Brasil, as vivências de infância e a preparação da criança para o mundo adulto diferenciavam-se a partir de seu pertencimento sociorracial e de gênero. A criança escrava era preparada para a vida adulta a partir dos seis ou sete anos através do trabalho. Já o menino branco pertencente a elite tinha seu aprendizado para a vida adulta em colégios a fim de adquirir instrução intelectual. As meninas brancas pertencentes a elite recebiam um aprendizado voltado para a compreensão de saberes supostamente "femininos".

Por isso, é possível concluir que a idéia de infância não existiu sempre da mesma forma, mas passou por modificações altamente influenciadas pelas transformações das sociedades modernas e contemporâneas. Hoje possuímos uma enorme produção sobre a infância e suas especificidades que contribuem para a construção de inúmeros conhecimentos sobre a mesma, porém muito sabemos a cerca das condições sociais das crianças, sobre sua história e sua condição de "*criança sem infância*" (Quinteiro, 2005), mas muito pouco sobre a infância como construção cultural, sobre seus saberes, seus pensamentos, sua identidade como sujeito sócio-histórico e sua capacidade de (re)criar a realidade na qual está inserida.

•• **"Ih! Morri": ressignificando a realidade**

Meu objetivo em trabalhar com as falas das crianças da Unidade de Educação Infantil Arca de Noé, investigando seus pensamentos e questionamentos sobre o mundo, nasceu a partir de uma experiência vivida no ano de 2008 na cidade de São Gonçalo, no Estado do Rio de Janeiro com crianças de quatro e onze anos de idade. Observando tal situação foi possível analisar alguns fatores que implicam numa reflexão sobre o pensamento da criança sobre a sociedade.

Muitos estudos apontam os pontos positivos e negativos da influência que a mídia tem exercido sobre as crianças, porém, o presente relato busca nos levar a pensar sobre como tem se dado a construção da cultura infantil e quais valores nossas crianças tem edificado.

A história começa no quintal da minha casa. O local é um terreno com várias casas e três crianças: [1]Marina (11 anos), Michele (11 anos) e Rayssa (4 anos). Todas elas assistem ao desenho "Três espãs demais", exibido durante a manhã pela Rede Globo, que conta a história de três estudantes que trabalham como espãs para uma agência secreta. Todas as personagens são muito bonitas e vaidosas, por isso suas armas são em forma de batons, jóias, óculos e todo

apetrecho que, de alguma forma, chama atenção para o corpo, enfatizando a beleza. Marina, Michelle e Rayssa carregam uma bolsa cheia de maquiagens e jóias, tais acessórios são suas "armas" para lutar contra os bandidos. Elas "invadem" uma das varandas do quintal e lutam contra seus adversários. Após a luta voltam ao lugar de onde partiram a fim de fugirem de seus inimigos. Rayssa (4 anos) pára do meio do quintal. Suas amigas sentem a sua falta e viram-se para o quintal a fim de descobrirem o que aconteceu. Rayssa grita:

_ Aí Meu Deus!

_ O que aconteceu Rayssa? _ perguntam Marina e Michele

Rayssa responde:

_Fui atingida por uma bala perdida. Morri!

Rayssa se joga no chão e, em seguida, suas amigas vão socorrê-la simulando choro.

É possível observar a capacidade que a criança possui em ressignificar elementos de seu cotidiano. Neste caso, as crianças se apropriaram de um dos seus desenhos favoritos unindo-o a violência presente na cidade, a qual é encarada com bastante naturalidade pelas crianças. Afinal, a "bala perdida" tornou-se um fato muito comum no meio das informações que essas crianças tem acesso.

A partir deste relato busco fazer uma reflexão sobre os valores construídos por essa geração. Ao tomarem conhecimento de informações com a violência ou a sensualidade explícita em programas televisivos as crianças passam a achar muito comum e aceitável a bala perdida, os seqüestros, o tráfico de drogas e inúmeras outras realidades que precisam ser transformadas. Porém, questões que a alguns anos atrás era tratadas com repúdio e inconformidade, hoje caíram na normalidade que a sociedade contemporânea nos apresenta. O que as atuais brincadeiras infantis nos mostram é uma aceitação ao que já é comum no mundo adulto.

Através da brincadeira a criança expressa o que pensa, critica mensagens recebidas e revela sua opinião sobre o mundo. O problema não se baseia na brincadeira realizada pelas crianças, afinal elas estão expressando algo que se passa em seu cotidiano, mas sim os discursos alienatórios produzidos por nossa sociedade a fim de nos moldar a um padrão. Esta discussão sobre a fala das crianças, seja em uma conversa ou através das brincadeiras, possui fundamental importância na atualidade para compreendermos como a banalização da ética e valores em nossa sociedade podem afetar as futuras gerações.

•• **Questões teórico-metodológicas na U.M.E.I. Arca de Noé**

"A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca.

Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca.

A cada dia se passam muitas coisas porém, ao mesmo tempo, quase nada acontece.

Dir-se-ia que tudo o que passa está organizado para que nada nos aconteça".

(LARROSA. 2001, pp. 20).

A experiência relatada anteriormente vivida no ano de 2008 teve fundamental importância para o início de minha produção sobre a importância da *escuta sensível* em relação a criança. Pois a partir desta experiência passei a refletir como tal escuta é fundamental em minha formação como professora-pesquisadora da infância.

Dessa forma, movida pelo anseio em escutar as crianças e descobrir o que pensam sobre o mundo e, principalmente, sobre a escola, iniciei minha intervenção na U.M.E.I. Arca de Noé a fim de coletar aquilo que as crianças tinham a dizer, mas que, muitas vezes, passavam despercebidas. O trabalho iniciou-se com visitas semanais a escola, nas quais eu permanecia toda a tarde com as crianças do 3º período da Educação Infantil. Durante este período conversei muito com as crianças, principalmente na hora do recreio, período onde parte das crianças almoçam[2].

Em uma dessas visitas, na hora do recreio, quando Natália, Rebeca e Paula[1], do 3º período da Educação Infantil, estavam acabando de almoçar. Perguntei à elas se estavam animadas para a festa junina, a final todas estavam participando dos ensaios para a apresentação de uma dança, que aconteceria no sábado seguinte. Algumas disseram que sim, porém notei que Natália ficou quieta e não me deu muita atenção. Então, perguntei:

_ E você Natália, está animada para festa?

_ Eu não vou a festa não!_ Respondeu ela.

Eu insisti:

_ Mas por que você não vai à festa?

_ Porque eu não tenho dinheiro para comprar as coisas da barraquinha.

E ela continuou muito irritada:

_ No outro colégio era tudo de graça, aqui é tudo caro!

A partir da Fala de Natália, é possível observar uma incrível reivindicação sobre um direito que ela possui, o direito a escola pública gratuita e de qualidade. Mesmo sem ter talvez o conhecimento sobre a existência de uma lei que a assegura tal direito, Natália possui conhecimento de que a escola pública é gratuita e por isso questiona o fato de não poder participar da festa junina por não possuir dinheiro

para comprar as prendas para as barracas da festa, algo que foi pedido aos pais pela escola.

É importante refletir sobre a etimologia da palavra infância. Esta deriva do latim *infant* que significa *aquele que não fala*, ou seja, aquele que vem sendo falado pelos diferentes discursos e saberes, sejam eles: médicos, jurídicos, psicológicos, pedagógicos, midiáticos, etc. Porém, muito sabemos sobre a condição da criança brasileira, sua condição de "criança sem infância" e explorada, porém sabemos muito pouco sobre o que esta pensa sobre o mundo, o que ela tem a dizer sobre o espaço no qual está inserida e sobre o lugar que ocupa na sociedade. Por isso vejo a importância da escola como um espaço para oportunizar a fala, a discussão e a formação de questionamentos deste pequeno sujeito, que, na maioria das vezes, passa toda sua infância sem a oportunidade de expressar o que pensa e o que eu compreende sobre o mundo.

A discussão sobre a escola gratuita e de qualidade iniciada por Natália poderia ser levada à sala de aula como o tema de uma discussão. E por que não com toda a equipe pedagógica? O comentário de Renata é algo que envolve seus amigos e também a toda a escola, sendo possível que todos participassem dessa discussão e juntos construíssem novos conhecimentos.

Pretendo a partir do comentário de Natália propor às crianças e a professora uma discussão sobre a escola pública, levando em consideração o que os pequenos pensam sobre a escola, principalmente sobre a que estão matriculados. Dessa forma, será possível, a partir das discussões levantadas, pensarmos em melhorias ou engrandecimento de pontos positivos da escola, o que a criança gosta, o que a criança não gosta e o motivo de tais preferências.

Assim, a escola poderia ser, de fato, um espaço de discussão, questionamentos e, talvez, o espaço inicial para futuras mudanças na educação da cidade, a partir de discussões feitas coletivamente por toda a comunidade escolar capazes de transformar conceitos, compartilhar conhecimento e produzir novos, conduzindo esta discussão a muitas outras.

•• **Considerações Finais**

Defendo a cidadania, não como um dado natural, mas como uma aprendizagem social, pode ser, nas instituições escolares um *estado de espírito, enraizado na cultura* (Santos, 1996). Assim, a cidadania existente entre nós é fruto de relações sociais complexas, construída em meio a combate.

Refiro-me a condição cidadã, não como algo que é adquirido naturalmente, "de um dia para o outro", mas sim uma aprendizagem cotidiana, construída nas instâncias sociais, da qual a escola, devido a sua natureza sócio-histórica, representa uma espaço fundamental.

A infância, segundo dados da UNICEF, é o grupo geracional que, mediante as condições atuais de globalização, é um dos mais afetado pelas "desigualdades multiplicadas", dentre elas, as guerras, a pobreza, a fome, o crime organizado e a ausência de políticas públicas destinadas e implementadas às crianças. Por isso, acredito na escola de educação infantil como um ambiente privilegiado; como um

espaço privilegiado para a construção de conhecimentos a partir de discussões na qual, adultos e crianças possam ser parceiros e co-construtores ativos de seus destinos, no mundo, enquanto cidadãos (TAVARES, 2009).

Pensar na criança enquanto sujeito sócio-histórico, (re)construtor de sua cultura e cidadão dotado de direitos, implica a reflexão sobre o papel formativo da escola. Afinal, esta contribui para a formação da criança em uma das fases mais importantes da vida, na qual a criança inicia o desenvolvimento de determinadas habilidades que serão determinantes para o resto de sua vida e constrói concepções que poderão determinar o adulto que ele será futuramente. Como Postman (1982) afirma "As crianças são as mensagens vivas que enviamos a um tempo que não veremos". Que mensagens estamos enviando ao "nosso tempo"?

• Referências Bibliográficas

ARIÈS, Philippe. A história social da criança e da família, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978

BARBIER, René. *A escuta sensível em educação*. Caxambu: Revista da AMPED, 1992.

BARRETO, Luzia G. C. *Relatório Parcial, apresentado ao Programa de Iniciação Científica - PIBIC da UERJ*, Rio de Janeiro, 2009.

BARRETO, Luzia G. C. e Maria Tereza G. Tavares. *Infâncias em periferias urbanas: desafios cotidianos para a formação de professores da infância em São Gonçalo*. Comunicação apresenta no Seminário "Redes de conhecimento e tecnologias: os outros como legítimo outro", Rio de Janeiro/ 2009.

BOLLE, Willi. *Walter Benjamin e a cultura da criança*. 4. ed. São Paulo, Summus, pp. 13-16.

CHAUÍ, M. *Folha de São Paulo*. São Paulo 01 de maio de 1990.

DELGADO, Ana Cristina Coll. *Uma etnografia com crianças: grupos geracionais e manifestações culturais das crianças*. In *Infâncias Cidades e Escolas Amigas das Crianças*. 1 ed. Porto Alegre: Ed. Mediação/ 2007.

FABRICANTE, Bruna S., *Relatório parcial, apresentado ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica - UERJ/ PIBIC/ FAPERJ*. Rio de Janeiro/ 2008

KRAMER, Sonia. *Autoria e autorização: Questões éticas na pesquisa com crianças*. Cadernos de Pesquisa, São Paulo: n. 116, p. 41-59, jul.2002.

LARROSA, Jorge B. *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. Universidade de Barcelona, Espanha, 2002.

LOPES, A. E. R. C. *Foto-grafando: sobre arte-educação e educação especial*. Rio de Janeiro, Dissert. (mestr) UERJ - Faculdade de Educação. 1996.

PINTO, Manuel. *A infância como construção social*. In: *As crianças: contextos e identidades*, Universidade de Minho, 1997.

POSTMAN, Neil. *O Desaparecimento da Infância*. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

QUINTEIRO, Jucirema. *Infância e Educação no Brasil: Um campo de estudos em construção*. In: *Por uma cultura da infância*, Campinas, SP: Autores reunidos/ 2005.

SANTOS, Boaventura. *O espaço do cidadão*. São Paulo: Nobel, 1996.

TAVARES, Maria Tereza Goudard. *Por que o local? Um estudo sobre alfabetização patrimonial e a formação de professores de educação infantil em São Gonçalo*. Projeto de Pesquisa apresentado ao Programa de Iniciação Científica - PIBIC da UERJ, 2005, mimeo.

VELOSO, Luciana da Silva. *A contação de histórias e a Infância: contribuições para um projeto pedagógico na Educação Infantil*. Monografia de Final de Curso de Pedagogia - Faculdade de Formação de Professores da UERJ. São Gonçalo, RJ/ 2008.

[1] Compreendendo as crianças como sujeitos da pesquisa, pedi a autorização às mesmas para o uso de seus nomes. Afim de protegê-las, optei por utilizar nomes fictícios sugeridos pelas próprias meninas, assim elas próprias ao lerem, ou tendo alguém que faça a leitura à elas, possam se reconhecer, identificando-se e notando sua importante participação na pesquisa.

[2] Nem todas as crianças almoçam na escola. Algumas delas almoçam antes de ir à escola e no período em que estão esperando os outros acabarem de almoçar, brincam e conversam.